

Ânforas do vale do Guadiana: o material da “Cidade das Rosas” no Museu de Serpa

JOSÉ NORTON *
JOÃO LUÍS CARDOSO **
A. BARROS E CARVALHOSA ***

Resumo

Estuda-se um conjunto de exemplares anfóricos recolhidos na “Cidade das Rosas”, *villa* romana do concelho de Serpa, situada na margem esquerda do Guadiana. Verificou-se uma fraca representação das ânforas vinárias e oleárias, face às destinadas ao transporte de preparados de peixe, situação também comum a outros conjuntos anfóricos alentejanos; porém, o conjunto em apreço contrasta com estes, pela fraca representação de ânforas do tipo Dressel 14, substituídas por produções béticas do grupo Beltrán II. Tal situação pode explicar-se pela intensa ligação económica das *villae* da margem esquerda do Guadiana com o litoral algarvio e gaditano, utilizando a via fluvial. Dali proviriam preparados piscícolas (embalados em ânforas Beltrán II) e outros produtos do mar (ostras), importados em condições vantajosas face às oferecidas pelos estuários do Tejo e do Sado; estas últimas produções só se afirmam a partir do século III d.C., época em que o abastecimento do litoral meridional começou a declinar.

Outro aspecto digno de realce respeita à confirmação da produção bética de alguns dos exemplares da forma Almagro 50, indicada pelos resultados das análises macro e microscópicas realizadas, sublinhando a semelhança das pastas de alguns destes exemplares com as das ânforas Beltrán II, incontestavelmente com tal origem.

Abstract

A group of *amphorae* collected in the site “Cidade das Rosas” (Serpa), a roman *villa* from Serpa region, on the left margin of the Guadiana river, is studied. There was a small proportion of wine and olive oil *amphorae* and a higher proportion of those related to the fish derivatives; this is a feature common with other studied groups of *amphorae* from Alto and Baixo Alentejo. Unlike these, however, the studied ensemble presents a low representation of Dressel 14 type, and instead it has a large number of Beltrán II. This situation may be explained by the strong economic liaison between the roman *villae* located on the left margin of the Guadiana and the southern littoral areas, using the river as a waterway. From there, fish by-products and oysters were imported, rather than those coming from the Sado and Tejo estuaries. Only when the betic *amphorae* began their decline, those coming from the Sado and Tejo became dominant. An interesting aspect is related to the production of some Almagro 50 *amphorae*, from the betic area, confirmed by the results from the analysis performed (both macroscopic as the observation of thin sections), namely the likelihood with the Beltrán II productions.

1 - Introdução

Na sequência do estudo das ânforas do sítio romano de Alfundão, Ferreira do Alentejo (Norton *et al.*, 1993/1994) afigurou-se de interesse comparar os resultados obtidos com outros conjuntos da mesma área geográfica, inéditos ou publicados. No primeiro desses grupos encontrava-se o material da “Cidade das Rosas”

proveniente de recolhas de superfície efectuadas décadas atrás pelo Eng. Monge Soares na estação romana da “Cidade das Rosas”, importante pela sua quantidade e variedade.

Com a autorização concedida pelo Museu de Serpa, em Maio de 1994 a um de nós (J. N.), para o respectivo estudo, tornava-se assim possível alargar o âmbito dos nossos conhecimentos sobre os conjuntos

* josenorton@mail.telepac.pt

** Universidade Aberta (Lisboa). Arqueolo@univ-ab.pt

*** Ex-Instituto Geológico e Mineiro (Lisboa).

anfóricos oriundos de *uillae* baixo-alentejanas, neste caso para além do Guadiana, acrescido pelas comparações possibilitadas por diversos conjuntos da região em causa, dados recentemente a conhecer. Foi assim que se concebeu a presente contribuição, na qual o estudo arqueológico foi realizado pelos dois primeiros signatários, tendo-se o terceiro ocupado das análises ceramográficas a alguns fragmentos cedidos para o efeito.

2 - Localização e antecedentes

Na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, um local central da vasta área por onde se dispersam os vestígios, como tivemos oportunidade de verificar in loco, possui as seguinte coordenadas UTM P: 628300, 4201000 e a altitude de 218 m (Figs. 1 e 2).

As primeiras referências à estação chamada "Cidade das Rosas" remontam aos anos sessenta do século passado (Saa, 1963; Lambrino, 1967).

Na década seguinte, efectuaram-se ali diversas escavações, de que resultaram dois estudos sobre algumas das estruturas arqueológicas e dos materiais postos a descoberto (Caeiro, 1978 e Maia, 1978). Posteriormente foi esta estação referida em trabalhos de inventário,

indicando-se em ambos duas variantes para o seu nome: Canada das Barrosas ou Herdade das Barrosas (Alarcão, 1988, p. 200; Lopes, 2003, p. 61).

Trata-se, segundo a última autora citada, de uma das maiores *villae* do antigo território pacense, com vestígios de ocupação no Alto e no Baixo Império. As escavações, conquanto limitadas, puseram a descoberto as termas e um grande edifício de planta rectangular. Perto, situa-se a barragem do Muro dos Mouros. Trata-se de uma estrutura localizada por Abel Viana, que dá dela descrição (Viana, 1950), complementada por outra, mais recente e detalhada, acompanhada do levantamento da respectiva planta e alçado (Quintela; Cardoso & Mascarenhas, 1986, p. 86 e seg.). A relação directa existente entre a barragem e a *villa*, foi claramente exposta pelos referidos autores, como se conclui do trecho seguinte (p. 88): "Esta obra teria fundamentalmente uma finalidade hidroagrícola relacionada com uma provável villa situada a cerca de 400 m a montante da barragem, onde se observou muito material à superfície". Aliás, esta finalidade não escapou a Abel Viana, ao salientar que a finalidade destas pequenas barragens era a de "fertilizar algumas nesgas de terra enquadradas nos vastos domínios de certas "villae" agrícolas" (Viana, 1950, p. 7). Deste modo, mal se compreendem as palavras de Conceição Lopes, ao



Fig. 1 - "Cidade das Rosas". Localização no território português.

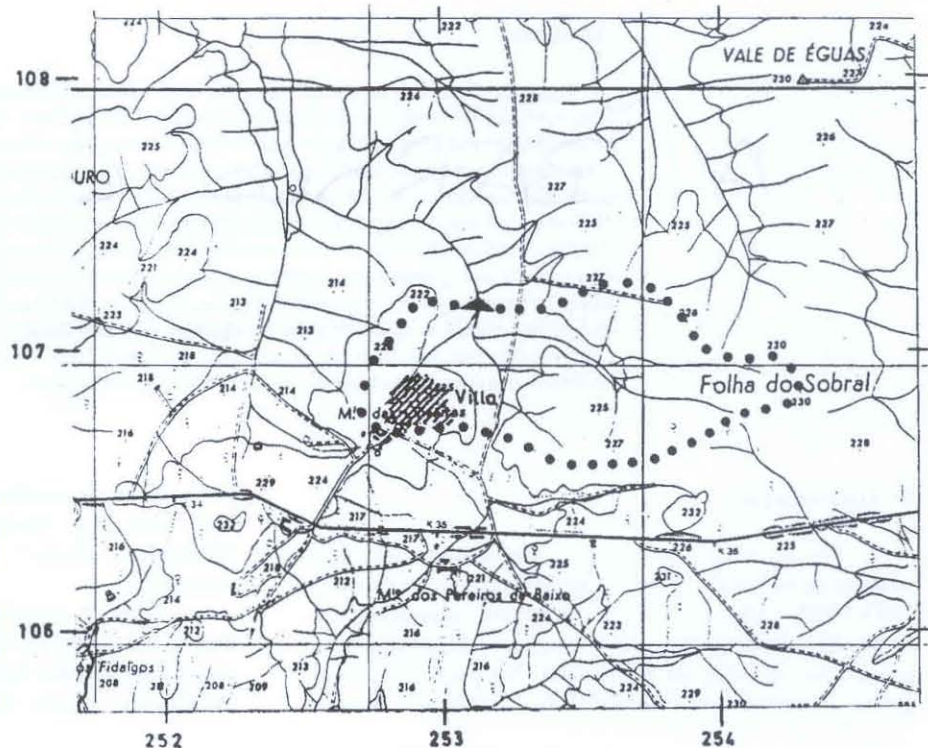


Fig. 2 - "Cidade das Rosas": distribuição dos vestígios (a tracejado) face à bacia hidrográfica da barragem do Muro dos Mouros, assinalada com triângulo (Seg. Quintela, Cardoso & Mascarenhas, 1986, Fig. 36).

declarar, como sua, idêntica afirmação: “Admitimos que a barragem situada a sudeste (Muro dos Mouros) tenha servido esta villa. A saída de água desta barragem era feita na direcção desta villa” (Lopes, 2003, p. 61). Na verdade, a autora incorre em erro, visto a *villa* se encontrar a uma cota mais alta: deste modo, a barragem não poderia ter servido a *villa*, mas simplesmente a sua *pars rustica*, como já explicitamente tinha sido dito pelos autores que a antecederam na análise deste caso. E a afirmação de que “a saída de água desta barragem era feita na direcção desta villa”, peca, simplesmente, porque o fluxo da água se fazia no sentido oposto (Fig. 2).

A área envolvente é rica em vestígios da época romana; uma passagem do rio Guadiana permite acesso imediato à vasta e densa mancha de vestígios romanos, que se espalham pela vasta e fértil peneplanície, cuja intensa ocupação se deveu à excelente aptidão agrícola dos solos que a constituem.

3 - Análise tipológica do material anfórico

As ânforas recolhidas apresentam-se em geral sob a forma de fragmentos de dimensões que permitem a identificação tipológica da quase totalidade das peças, as quais se distribuem pelos seguintes grupos:

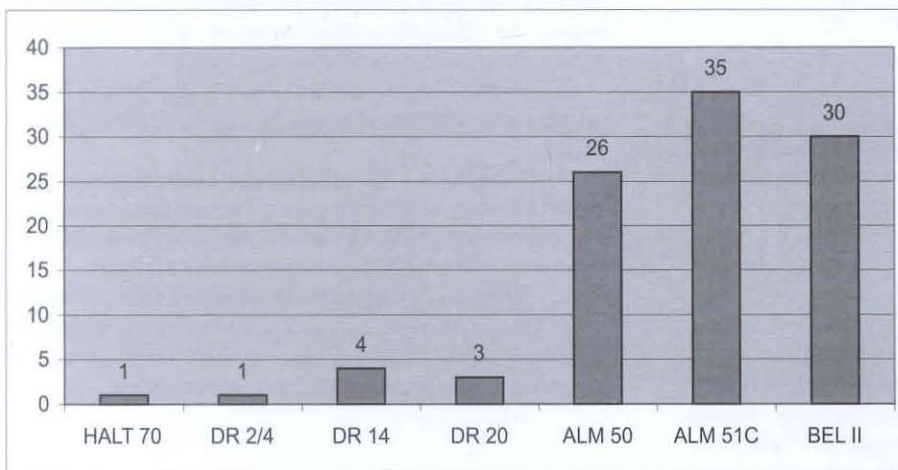


Fig. 3 - “Cidade das Rosas”: distribuição das ânforas por grupos tipológicos.

No conjunto dos fragmentos identificados como pertencentes à forma Almagro 50 verificou-se a existência de catorze com pasta esponjosa de cor laranja-avermelhada própria das fabricações do Tejo/Sado, enquanto que os restantes dezasseis fragmentos apresentam uma pasta compacta de cor castanho pálido, característica que será adiante valorizada e discutida.

É notável a reduzida representação da forma Dressel 14, sendo em contrapartida elevada a presença das

formas Beltran II e Almagro 50; não constitui surpresa as reduzidas quantidades observadas das restantes formas (Fig. 3).

4 - Análise petrográfica

Foram seleccionados para efeitos de análise petrográfica os fragmentos desenhados na Fig. 4, pertencentes às formas Dressel 20, Almagro 50 e 51, Beltran II e Dressel 14.

Para a análise macroscópica foram efectuados cortes em superfícies regulares, cuja observação acompanhou a das superfícies naturais das peças. A análise microscópica recorreu à observação de lâminas delgadas ao microscópio de luz polarizada.

4.1 - Dressel 20

Da análise efectuada sobre um fragmento de ânfora do tipo Dressel 20 (Fig. 4, nº. 1), resultaram as seguintes observações:

Cor - Castanho pálido.

Elementos não plásticos - presença na pasta de 25-30% de elementos não plásticos heterogéneos, principalmente de quartzo e feldspato; subordinadamente de piroxena, calcite e biotite, agregados quartzo-micáceos e micáceos, além de óxidos de ferro.

Matriz - argilo-micácea.

Porosidade - escassos poros, correspondendo os vazios observados na superfície do corte a fragmentos que se soltaram da pasta.

Granulometria - diâmetro dos elementos não plásticos em geral inferior a 0.5 mm. A depuração do barro foi fraca, atendendo à heterogeneidade da sua composição, sobretudo pela presença de máficos.

A cozedura da pasta foi pouco intensa, o que é sugerido pela ausência de transformações mineralógicas assinaláveis, para

além da calcite, aparentemente calcinada, e do quartzo finamente fragmentado.

4.2 - Almagro 50

As observações do fragmento seleccionado deste tipo (Fig. 4, nº. 4) foram as seguintes:

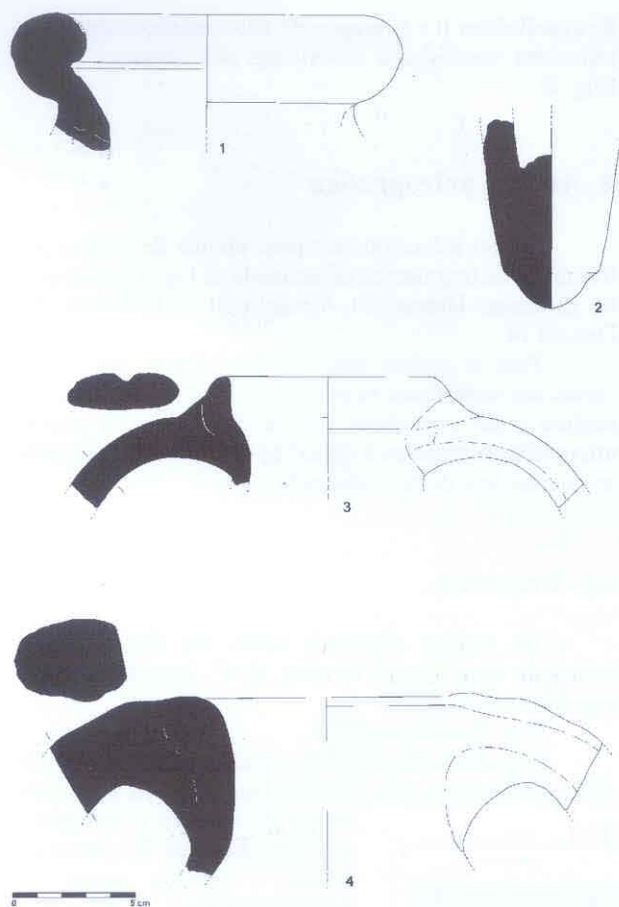


Fig. 4 - "Cidade das Rosas": fragmentos de ânforas seleccionados para análise petrográfica. 1 Dressel 20; 2 Dressel 14; 3 Almagro 51C; 4 Almagro 50. Nota: não se reproduziu um fragmento de ânfora Beltrán II, também analisado.

Cor - Castanho pálido.

Elementos não plásticos - correspondem a menos de 20% da pasta; apresentam-se heterogêneos, alguns com arestas mais vivas, a maioria de quartzo e feldspato, outros de piroxena, biotite, moscovite, óxidos de ferro, calcite e raros de turmalina.

Matriz - constituída essencialmente por grânulos de calcário - criptocristalino intimamente misturados com a fracção argilosa, muito semelhante a exemplar analisado no Alfundão (Norton et al., 1993/1994).

Porosidade - poros relativamente abundantes, encontrando-se muitos deles abertos, enquanto outros estavam obturados e preenchidos por material subsótropo ou por produtos ferruginosos.

Granulometria - alguns dos diâmetros dos elementos não plásticos variam entre 0.4 e 0.5 mm, mas a maior parte é inferior a 0.2 mm.

4.3 - Beltrán II

Foram os seguintes os resultados da observação macroscópica e microscópica do fragmento de ânfora do tipo Beltrán II seleccionado para análise ceramográfica.

Cor - Castanho muito pálido.

Elementos não plásticos - menos de 20% da pasta é constituída por elementos não plásticos, os quais se apresentam maioritariamente arredondados e subarredondados, sendo principalmente de quartzo e feldspato e, mais raramente, de calcite.

Matriz - argilosa, muito homogênea e compacta (isótropa em luz polarizada).

Porosidade - os poros são extremamente pequenos mas abundantes, encontrando-se alguns preenchidos por calcite finamente granular.

Granulometria - A maioria dos diâmetros dos elementos não plásticos varia entre 0.2 e 0.4 mm.

4.4 - Almagro 51 C

Da análise ceramográfica do fragmento de ânfora deste tipo seleccionado (Fig. 4, nº. 3), resultaram as seguintes observações:

Cor - laranja avermelhada.

Elementos não plásticos representam 25 a 35% da pasta, sendo principalmente de quartzo e, subordinadamente, de feldspato; observaram-se ainda alguns de biotite, moscovite, calcite e minério opaco.

Matriz - argilo-micácea, com impregnação ferruginosa e pequeníssimos grãos de quartzo e de óxidos de ferro.

Porosidade - são relativamente escassos os poros, alguns obturados pelo que aparenta ser a calcite calcinada

Granulometria - a maioria dos diâmetros observados nos elementos não plásticos é inferior a 0.3 mm.

Esta peça foi submetida a cozedura aparentemente fraca. Observaram-se na pasta fragmentos estranhos de contornos bem definidos que podem corresponder a cerâmica moída, intencionalmente acrescentada.

4.5 - Dressel 14

A análise em lâmina delgada do fragmento deste tipo de ânfora (Fig. 4, nº. 2), proporcionou os seguintes resultados:

Cor - laranja avermelhada.

Elementos não plásticos. Constituem entre 25 a 30% da pasta; eram arredondados e subarredondados, principalmente de quartzo e feldspato, observando-se raramente alguns de biotite, moscovite, calcite e minério opaco.

Matriz - argilo-micácea com pequeníssimas escamas de mica.

Porosidade - os poros são abundantes.

Granulometria - os diâmetros dos elementos não plásticos são geralmente inferiores a 0.3 mm, ainda que se observem alguns com diâmetro até 1 mm.

Tal como o fragmento anterior, também esta peça apresenta sinais de fraca cozedura e o mesmo tipo de fragmentos provenientes provavelmente de cerâmica moída.

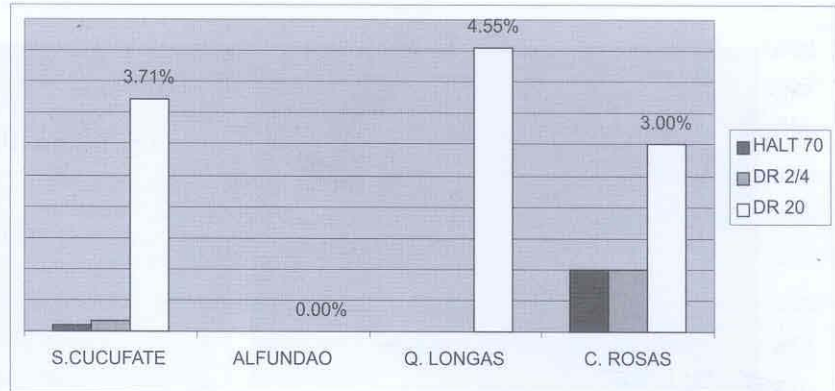


Fig. 5 - Distribuição tipológica das ânforas de *villae* do Alto e do Baixo Alentejo (respectivamente, seg. Alarcão, Étienne & Mayet, 1990; Norton *et al.*, 1993/1994; Almeida & Carvalho, 1998).

4.6 - Conclusões da análise petrográfica

As amostras estudadas agrupam-se quanto aos resultados da análise petrográfica em três grupos distintos:

Grupo 1 - constituído pelas ânforas Dressel 14 e Almagro 51 C, com características compatíveis aos fabricos em fornos dos vales do Sado ou do Tejo (Coelho & Cardoso, 1990).

Grupo 2- corresponde aos fragmentos de ânforas Almagro 50 e Beltrán II, com pastas de cor castanho pálido, muito finas e homogéneas.

A amostra proveniente da Dressel 20 distingue-se claramente do grupo anterior pela maior granulometria e menor homogeneidade da pasta

5 - Discussão

5.1 - Análise comparativa

No conjunto de ânforas da “Cidade das Rosas” estudado, são escassos os fragmentos correspondentes a contentores para vinho, os quais se encontram apenas representados por um fragmento de ânfora Haltern 70 e por outro de tipo Dressel 2/4. A presença de ânforas oleárias, ainda que mais acentuada, é também muito limitado, estando representado por apenas três fragmentos de ânfora Dressel 20. Em contrapartida, os recipientes para transporte de produtos piscícolas, encontram-se em esmagadora maioria, constituindo 95% do total de 100 fragmentos identificados: Dressel 14 (4); Almagro 50 (26); Almagro 51C (35); e Beltrán II (30).

Tal situação pode ser comparada à verificada noutras estações romanas do Alentejo, onde a ânfora oleária Dressel 20 se encontra presente por percentagens muito baixas e semelhantes, sendo as ânforas vinárias Haltern 70 e Dressel 2/4 ainda mais escassas:

No entanto, se a presença de ânforas vinárias e oleárias é sempre baixa nos conjuntos domésticos alentejanos já objecto de estudos adequados, a distribuição tipológica geral correspondente, comparativamente ao conjunto dos 100 exemplares estudados da Cidade das Rosas, evidencia diferenças assinaláveis. Neste aspecto, é de destacar a reduzida presença na “Cidade das Rosas” da ânfora Dressel 14 e a abundância tanto das formas Beltrán II e Almagro 50, mesmo se destas últimas considerarmos apenas as que apresentam pastas de cor castanho pálido.

A Fig. 6 ilustra graficamente tais diferenças.

Importa, contudo, apreciar e enquadrar tais diferenças no tempo, através da valorização da diacronia das respectivas produções, de modo a abrir caminho para a determinação das razões das diferenças observadas. A Fig. 7 documenta expressivamente esta situação.

Verifica-se que o abastecimento de preparados de peixe à “Cidade das Rosas”, até finais do século II d.C. é feito maioritariamente através de produções do litoral andaluz/algarvio, transportados em ânforas Beltrán II, e que só a partir do primeiro quartel do século III d.C. os habitantes daquela *villa* se voltam para as produções do Tejo e do Sado, transportadas nas ânforas Almagro 51 C e em algumas do tipo Almagro 50 utilizado para produtos do referido litoral Sul. Trata-se dos exemplares de pastas idênticas às das produções béticas, identificadas nas análises ceramográficas efectuadas com o nosso Grupo 2, o qual integra justamente um fragmento de ânfora Almagro 50. A origem desta produção anfórica de pasta ocre clara, foi já objecto de discussão (Etienne & Mayet, 2002, p. 137), tendo os autores, com o recurso à análise em lâmina delgada efectuada por A. Schmitt, concluído que o seu foco de origem se situaria na baía de Cádiz. Com efeito, o referido estudo evidenciou as semelhanças das pastas de alguns exemplares desta ânfora com as de produções reconhecidamente béticas como a Beltrán II b,

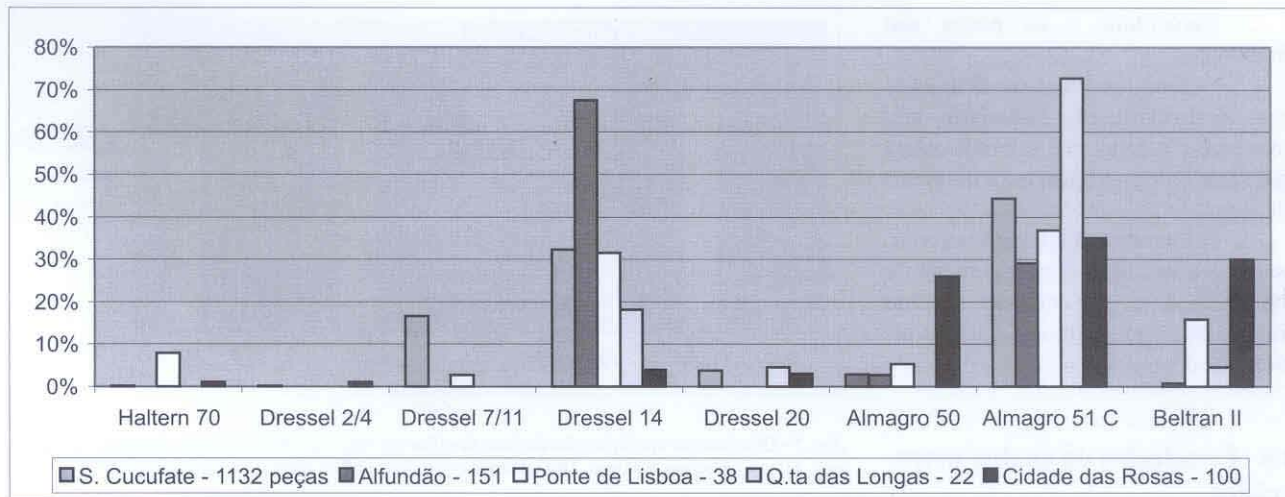


Fig. 6 - Distribuição tipológica geral do material anfórico de villae alentejanas (o conjunto da Ponte de Lisboa, recolhido por um de nós, permanecia inédito; para os restantes, ver referências da Fig. 5).

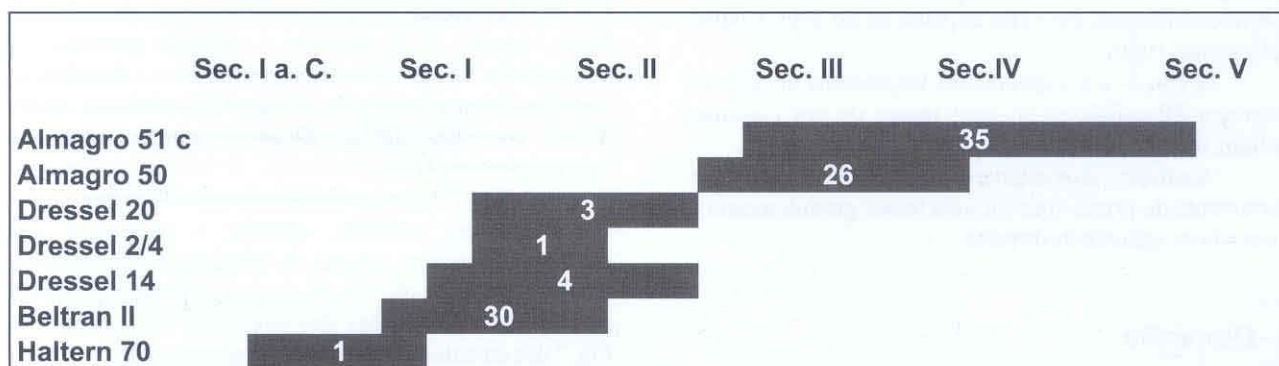


Fig. 7 - "Cidade das Rosas": diacronia das produções anfóricas estudadas.

conclusão que este trabalho veio reforçar (trata-se do nosso Grupo 2, que inclui também um exemplar de Beltrán II). Com efeito, a prova definitiva da origem destas ânforas de pasta ocre clara foi demonstrada com a identificação de um dos locais da sua produção (Puente Melchor, Puerto Real).

6 - Conclusões

O conjunto de fragmentos de ânforas provenientes da "Cidade das Rosas" agora estudado revela uma ocupação daquele arqueosítio que vai desde os finais do século I a.C. até ao século V da era cristã, em coerência

com a cronologia obtida para os materiais anteriormente estudados, sendo ainda compatível com a presença da *sigillata* clara, atribuídas ao século V d. C. (Maia, 1978).

Ainda que este conjunto de fragmentos seja proveniente de recolhas de superfície, a sua representatividade é assegurada por se tratar de um conjunto numeroso (100 exemplares) e não triado, isto é, não sujeito a preferências do colector. Deste modo, as pronunciadas diferenças observadas na distribuição dos diversos tipos de ânforas identificados, face aos de outras estações romanas do Alentejo, requer explicação.

Com efeito, no que respeita a ânforas destinadas ao transporte de azeite e de vinho nada há que distinga a "Cidade das Rosas" das outras villae consideradas; já no que diz respeito aos transformados de peixe o panorama é

muito diverso. Verifica-se, cotejando-se os dados com os inventários das *villae* de S. Cucufate (Vidigueira), Quinta das Longas (Elvas), Vilares de Alfândão e Ponte de Lisboa (Ferreira do Alentejo), uma evidente rarefacção do tipo Dressel 14, contrastando com a grande abundância das produções coevas da forma Beltrán II.

Tendo presentes as datações correspondentes a essas produções de preparados piscícolas a que estão associadas pode dizer-se que se verificou até finais do século II d.C. um abastecimento quase exclusivamente a partir da Bética em detrimento dos centros de produção do Tejo e do Sado que nessa mesma época utilizavam como contentores as ânforas Dressel 14. Esta situação pode, em parte, explicar-se pelo relevante papel económico, como via comercial que constituía, à época, o rio Guadiana, pondo em contacto, mais facilmente do que à primeira vista se supõe, áreas do interior alentejano, mas próximas desta via fluvial, como a que corresponde à “Cidade das Rosas”, com o litoral algarvio e gaditano. Prova desta inesperada realidade, é a abundante presença de ostra numa lixeira tardo-romana da Quinta das Longas (Elvas), villa também ela próxima do Guadiana, e muito mais a montante do que a “Cidade das Rosas”, cujas conchas se encontram incrustadas a litoclastos de grauvaque e xisto luzente, que só podem corresponder ao estuário do Guadiana (Cardoso & Detry, 2005).

A partir de início do século III d.C., verifica-se, no conjunto anfórico estudado, a predominância dos centros do Sado e do Tejo sobre as produções béticas, de início ainda em concorrência parcial com estas, depois, a partir do século IV d.C., em exclusividade.

Vários factos podem ter contribuído para esta situação:

- a proximidade da “Cidade das Rosas” com os centros de fabricação do litoral andaluz, comparada com as outras estações conhecidas;

- o declínio das produções da Bética pelo fim do século II d.C.;

- e a existência do rio Guadiana, complicando eventualmente o transporte de produtos vindos do Tejo e Sado devido a dificuldades de travessia e, ao mesmo tempo facilitando e embaratecendo o transporte de produtos vindos do litoral da Andaluzia e do Algarve, como se verifica pelo abastecimento de ostras, atrás referido.

Agradecimentos

Ao responsável do Museu de Serpa, por ter permitido, em 1994 a um de nós (J. N.), o estudo do material anfórico da “Cidade das Rosas”, que agora se apresenta e ao Eng. A. M. Monge Soares, autor das respectivas colheitas, pelas indicações complementares que forneceu sobre as respectivas condições em que aquelas se realizaram.

Bibliografia

Alarcão, Jorge ; Étienne, R. & Mayet, F.(1990) - *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris: E. de Boccard, 2 vols.

Alarcão, Jorge (1988) - *Roman Portugal*, Warminster, Aris & Philips Ltd. Vol. II, fasc. 3 (Évora, Faro & Lagos).

Almeida, M. J. & Carvalho, A. (1998) - Ânforas da uilla romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): resultados de 1990-1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1 (2), p. 137-163

Caeiro, José O. da Silva (1978) - Observações sobre Cerâmica Comum Romana do Séc. III proveniente da “Cidade das Rosas” – Serpa. *III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1977)*, 1, p. 249-271.

Cardoso, J. L. & Detry, C. (2005) - A lixeira baixo-imperial da villa da Quinta das Longas (Elvas): análise arqueozoológica e significado económico-social. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (1). No prelo.

Coelho, A. V. Pinto & Cardoso, J. L. (1990) - Estudo sobre pastas de ânforas de fornos do vale do Tejo e do vale do Sado: análise macro e microscópica. *As Ânforas Lusitanas – tipologia, produção, comércio (Conimbriga, 1988)*. Paris: Diffusion E. de Boccard, p. 267-271.

Étienne, R. & Mayet, F. (2002) - *Salaisons et Sauces de Poisson Hispamiques*. Paris : Diffusion E. de Boccard

Lambrino, Scarlat (1967) - Catalogue des Inscriptions Latines du Musée Leite de Vasconcelos. Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Série III, 1, p. 123-217.

Lopes, M. C. (2003) - *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da “civitas” de PAX IVLIA*. Coimbra: Instituto de Arqueologia/Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra (Conimbriga/Anexos 3).

Maia, M. G. Pereira (1978) - Contributos para as cartas de distribuição em Portugal da “sigillata luzente” e da “Late Roman C Ware. III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1977), 1, p. 293-307.

Norton, J. ; Cardoso, J.L.; Silva, C. Tavares da & Canilho, M. H. (1993/1994) - Ânforas da Villa Romana de Vilares de Alfândão (Ferreira do Alentejo). *Conimbriga*, 32/33, p. 181-190.

Quintela, A. Carvalho; Cardoso, J. L. & Mascarenhas, J. M. (1996) - *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo*. Lisboa: Direcção-Geral dos

recursos e Aproveitamentos Hidráulicos.

Saa, M. (1963) - *As Grandes Vias da Lusitânia - O Itinerário de Antonino Pio*, 4. Lisboa: ed. do Autor.

Viana, A. (1950) - Notas históricas, arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 7, p. 3-9.